

José Augusto
rejeita rótulos para
sua música

PÁGINA 3



Longa 'Presença'
vence o 31º
Festival de Vitória

PÁGINA 4



Série documental
resgata vida e
talento de Jô Soares

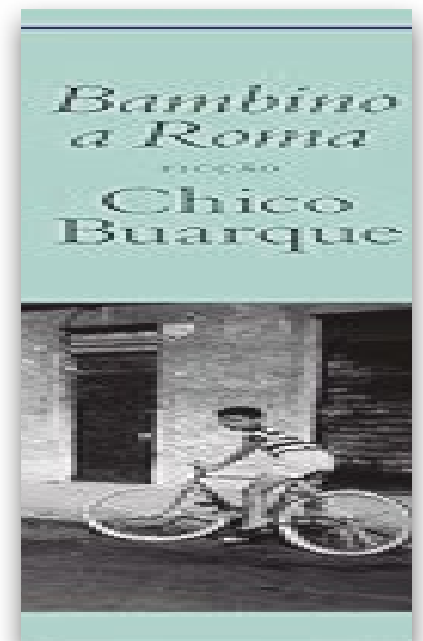
PÁGINA 5



2º CADERNO



Chico Buarque, aos 80 anos, volta sete décadas no tempo no livro 'Bambino a Roma', mostrando sua infância de calças curtas na capital italiana



RETRATOS DE UM ARTISTA QUANDO MENINO

Por Walter Porto (Folhapress)

“Que gente longe viva na lembrança/ que gente triste possa entrar na dança/ que gente grande saiba ser criança”, cantarolava Chico Buarque lá num dos primeiros sucessos de sua carreira, em 1966.

Mais de meio século depois, é pela literatura que ele se lembra de gente de longe, ensaia seus primeiros passos de valsa e mostra que nunca se esqueceu de seus tempos de menino. Ou melhor, de “bambino”.

O vencedor do prêmio Camões, aos 80 anos, volta sete décadas no tempo no livro “Bambino a Roma”, que será lançado na próxima semana

Chico Buarque disfarça sua memória de ficção à la Fellini no livro ‘Bambino a Roma’

mostrando sua infância de calças curtas na capital italiana.

Quem conhece a obra de Chico sente as inspirações do país na sensação infantil “Os Saltimbancos”, baseada na peça de Sergio Bardotti, e no disco “Per un Pugno di Samba”, quando traduziu composições suas como “Sonho de um Carnaval”, do começo deste texto, com arranjos de Ennio Morricone.

O disco foi lançado em 1970, durante sua segunda estada mais longa na Itália, exilado por causa da ditadura militar. É um período que o autor costuma querer deixar para trás. Por que, então, voltar ao país nessa obra de maturidade?

Continua na página seguinte

Uma influência **afetiva**

A influência da Itália sobre Chico é sobretudo afetiva, dizem os especialistas Tom Cardoso, autor de “Trocando em Miúdos: Seis Vezes Chico”, e André Simões, de “Chico Buarque em 80 Canções”. Lá, sua família morou por cerca de três anos enquanto o pai, o sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, dava aulas de estudos brasileiros na Universidade de Roma.

Naquele ano de 1953, quando desembarcou com mulher e filhos no sul da Europa, ele já era o intelectual celebrado por “Raízes do Brasil”, cuja tradução o menino Chico encontra por acaso, maravilhado, numa livraria italiana durante “Bambino a Roma”.

Antes de mergulhar mais a fundo, é preciso notar que esta não é uma autobiografia, segundo frisam o autor e a sua editora. Chico não quis dar entrevista para se explicar, mas a capa do livro imprime a palavra “ficção” em caixa alta, mesmo com coincidências factuais reconhecíveis por qualquer um que saiba o mínimo de sua biografia.

“Não se trata de um livro de memórias, mas uma ficção a partir da memória”, diz Luiz Schwarcz, diretor e editor da Companhia das Letras. “Mesmo fatos reais são narrados com recursos ficcionais e há partes puramente ficcionais. Classificar o livro como ‘memórias’ seria enganar o leitor.”

Deixemos que o “Bambino a Roma” circule como quiser. Uma de suas cenas mais divertidas mostra o garoto assistindo na vitrine de uma loja de televisores a uma partida inesquecível da Copa de 1954, em que o Brasil levou quatro a dois da Hungria. Mas há outro momento adiante, de uma iniciação sexual envolvendo vulvas e gomos de tangerina, que cheira mais a fruto de uma imaginação bem libertina.

As cenas em que o narrador viaja, mais velho, em busca do seu apartamento de infância são outras



Cenas da infância de Chico Buarque em Roma. Seu pai, o sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, desembarcou com a família na capital italiana em 1953 para lecionar na Universidade de Roma



O artista ainda voltaria a viver em Roma no período em que precisou se auto-exilar do Brasil

que exalam um ar mais ficcional, recorrendo a um alter ego de Chico que é famoso, mas circula como um paisano, já frequente em obras

como “Anos de Chumbo”.

Não faltam, na própria história, pistas sobre seu exercício de memória criativa. “Achei melhor

largar mão da ideia de um diário e deixar que o esquecimento fizesse o seu trabalho”, escreve o narrador. “No futuro a imaginação cobriria

as lacunas da memória e os acontecimentos reais se revezariam com o que poderia ter acontecido.”

Algumas páginas antes, há um trecho ainda mais singelo quando o menino Chico percebe que o papel de parede de seu quarto, que imitava um muro de tijolos e estava se descolando, mostrava que atrás dele havia tijolos de verdade. “Meu sonhado livro de memórias poderia ser bem isso, um papel de parede reproduzindo o que ele ao mesmo tempo esconde.”

Ao acompanhar as aventuras do garoto, dançando com a estrela de cinema Alida Valli, que conhece como mãe de seu colega de escola, e descobrindo suas paixões enquanto triplica o “R” no sotaque, é difícil não lembrar o “Amarcord” de Fellini, o “Cinema Paradiso” de Tornatore ou os “Ladrões de Bicicleta” de De Sica --este filme, citado nominalmente.

Dentro de um cinema, o futuro cantor rouba a atenção da plateia ao entoar o baião “Mulher Rendeira”, que serve de trilha ao sucesso brasileiro “O Cangaceiro”, em cartaz por lá - até que “um imbecil gritou ‘silêncio!’”

É um tipo de nostalgia que permite entrever uma nova intimidade de Chico - se no livro “O Irmão Alemão” o autor vasculhava com mais severidade o passado de sua família, aqui ele se liberta para comentar o que dá na telha.

E se o estudo das fronteiras borradas entre verdade e narração, a duplicidade entre autor e personagem, continua como um dos grandes temas de seu projeto literário - de “Budapeste” a “Essa Gente” -, aqui ganha um frescor lúdico.

A certa altura de “Bambino a Roma”, por exemplo, o narrador lembra quando se esforçou para ensinar ao amigo Amadeo a marchinha mais popular do momento. “Tu pensi que cachaça é acqua/ cachaça non è acqua, no...”

É tentador, afinal, ler tudo o que Chico escreveu desde sempre como o sonho de um Carnaval.

Acervo pessoal

ENTREVISTA / JOSÉ AUGUSTO, CANTOR E COMPOSITOR

‘No Brasil, as pessoas rotulam muito’

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Aguenta coração que José Augusto tem 50 anos de carreira para celebrar, no palco, numa tour por todos os estados do país, com dois singles saindo do forno para lançar. No dia 16 de agosto, ele leva seu lirismo ao palco do Vivo Rio, resgatando os hits que o transformaram num dos mais bem-sucedidos vendedores de discos do Brasil. Sua estrada para a consagração se abre em 1973, com “De Que Vale Ter Tudo Na Vida” e “Eu Quero Apenas Carinho”.

Na sequência, ele engata uma carreira pela América Latina, estendendo sua fama em shows na Europa e na África. Craque em emplacar hits em trilhas sonoras de novelas populares, ele embalou namoros com “Sábado”, “De Igual Pra Igual”, “Chuvas de Verão” e “Eu e você”.

Na entrevista a seguir, o cantor faz um balanço dessa obra querida pelo público questionando as rotulações que recebeu num trabalho sempre aberto a ritmos, a parcerias, à reinvenção.

Qual é a responsabilidade de se cantar o amor nos tempos de hoje e de que forma suas canções celebram o romantismo?

José Augusto: Não existe uma responsabilidade de se cantar o amor de hoje porque o amor não é de hoje, o amor é de sempre. Desde que o mundo é mundo, o amor existe. As minhas canções, às vezes, celebram amor romântico, mas tenho outras que não. Eu tenho canções falando de Deus. Eu tenho canções falando de campo e de montanha. Não são todas que celebram amor. As mais conheci-

das ficaram com esse rótulo. Mas não existe uma responsabilidade. O amor não vai deixar de existir nunca.

Que surpresas o público pode esperar do show do Vivo Rio e de que forma essa apresentação celebra suas parcerias com outros nomes da canção romântica no país?

As minhas parcerias não só com cantores românticos. Eu acabei de fazer uma canção com o Xande de Pilares. A minha canção, “Separação”, é gravada por todos os pagodeiros do Brasil, não só os românticos. As minhas canções são gravadas por vários sertanejos, não só os românticos. A resposta não tem nada contra o romantismo. Ao contrário, eu me considero um cantor romântico. Só que no Brasil as pessoas rotulam muito. Então, se você fizer quatro músicas falando de guerra, você vira guerreiro. Se você fizer cinco músicas falando de romantismo, você vira romântico. Isso não quer dizer que amanhã eu não possa fazer um rock, que, aliás, eu já fiz no meu primeiro disco. Minha apresentação é feita através das pessoas, através das coisas que eu ouço, através das pessoas que vão ao camarim e me pedem uma música ou outra. Eu sempre costume dizer que não existe um rótulo, não existe uma música melhor ou pior. Existe aquela que bate no coração de alguém. Pode ser um pagode, pode ser um rock, pode ser um frevo, pode ser uma música romântica.

Como você avalia a MPB e a música romântica hoje no Brasil? O que há de novidade, o que há de consagração? Quem mais te surpreende? O que mais mudou na indústria da música nesses 50 anos?

Não dá para avaliar o hoje da música ro-



Divulgação

mântica do Brasil, porque ela sempre existiu e ela sempre existirá. Ela jamais sairá de moda. Ela pode se reciclar e se modificar, mas sempre estará em moda, seja na minha voz, seja na voz do Péricles, seja na voz do Belo, seja na voz do Zezé de Camargo, seja com o Chitãozinho e Xororó, que são cantores de outros estilos. Para mim, toda a música brasileira faz parte da MPB e não só aquela parte elitista que a mídia gosta muito de exaltar. O que mudou na indústria foi a maneira de você vender a música. Antes, você tinha loja, tinha gravadora e hoje você disponibiliza no Spotify, você disponibiliza no mundo em outras plataformas. Essa foi uma forma que mudou nesses 50 anos... e as coisas continuarão mudando. Nos próximos 50 anos, será completamente diferente.

Qual é a maior saudade que você sente ao pensar nesses 50 anos de carreira? Qual foi a maior alegria desse tempo?

Eu tenho tanta coisa para lembrar que

seria difícil poder resumir tudo, mas destaco encontros com artistas maravilhosos, como a Dionne Warwick e o B.J. Thomas, meu ídolo. Tive um encontro com Roberto Carlos, em que cantamos juntos “Fera Ferida”. Tem os duetos que fiz com o Vitor e Léo; com o Luan Santana; com o Zezé Di Camargo e Luciano; e com cantoras que cantaram minhas canções, como Simone, Wanderléa e Alcione. Se eu tivesse que escolher um momento especial, esse momento seria a gratidão que eu tenho por um dos maiores cantores desse país, chamado Cauby Peixoto, ter gravado a minha primeira canção. Cauby foi um cara que me ajudou muito, que me proporcionou ganhar dinheiro com música pela primeira vez gravando uma canção minha, chamada “Meu Filho”, quando eu ainda tinha 19 anos. São momentos de que jamais vou esquecer, como o fato de compor “Evidências”, considerado o segundo hino nacional, não por mim, mas pelo povo brasileiro.

CORREIO CULTURAL

Caio Girardi/Divulgação



Equipe do Rei diz que renovação está sendo negociada

Roberto Carlos nega fim do especial de fim de ano na Globo

A equipe de Roberto Carlos negou que o contrato do cantor com a TV Globo não seria renovado após o especial de fim de ano de 2024, após rumores circularem na internet. Segundo a assessoria do artista, as negociações com a emissora estão seguindo o curso de sempre. Os contratos entre artista e emissora costumam ter a

vigência de dois anos e são renovados no mês de março do ano que antecede o fim de cada biênio.

A equipe ainda pontua que 2024 marca os 50 anos do especial e que 2025 é a data de 60 anos da TV Globo, o que tornaria uma interrupção do especial de Roberto Carlos ilógica para ambas as partes.

Rio Cello

Maior festival de violoncelos do país, o Rio Cello está completando 30 anos com uma programação especial que inclui concertos, espetáculos de dança, exposições, masterclasses e workshops. O evento é idealizado pelo violoncelista inglês David Chew.

Arretado

A Riourbe apresentou uma proposta de revitalização do Centro de Tradições Nordesteiras, a Feira de São Cristóvão, que inclui ações nos âmbitos municipal, estadual e federal, com investimento de R\$ 30 milhões ao longo de 15 meses.

Feminicídio

A nova produção que vai contar a história, vida e assassinato da socialite Ângela Diniz já tem parte do elenco definido. Marjorie Estiano e Emilio Dantas vão interpretar Ângela e Doca Street na série ainda sem título definido.

Mansão perdida

Envolvido em escândalos sexuais e endividado, Kevin Spacey perdeu sua mansão em Baltimore (EUA). O imóvel foi leiloado judicialmente na última semana. Um empresário arrematou o imóvel por US\$ 3,24 milhões (cerca de R\$ 18 milhões).

Capixaba 'Presença' e cearense 'Quando Eu Me Encontrar' foram os maiores vencedores do Festival de Vitória

Novas autoridades em foco

O 31º Festival de Cinema de Vitória anunciou os filmes vencedores do Troféu Vitória. Durante o evento, foram exibidos 78 filmes selecionados pela Comissão de Seleção – 73 curtas e cinco longas-metragens – distribuídos em 12 mostras competitivas, que apresentaram um recorte da produção contemporânea do audiovisual brasileiro, com produções realizadas entre 2023 e 2024. Na 14ª Mostra Competitiva Nacional de Longas, os vencedores foram os filmes “Presença”, produção capixaba dirigida por Erly Vieira Jr, e o cearense “Quando Eu Me Encontrar”, de Amanda Pontes e Michelline Helena.

“Presença” levou o Troféu Vitória de Melhor Filme, pelo Júri Técnico e Popular, além de Melhor Roteiro e Melhor Contribuição Artística. “Quando Eu Me Encontrar” ficou com os troféus de Melhor Direção, Melhor Fotografia e Melhor Interpretação, para Pipa. O Júri Técnico da mostra foi composto pela diretora Gabriela Gastal, pela atriz e diretora Marcellia Cartaxo, e pela diretora e roteirista Sabrina Fidalgo.

O vencedor do Troféu Vitória de Melhor Filme pelo Júri Técnico na 28ª Mostra Competitiva Nacional de Curtas foi “Samuel Foi Trabalhar”, de Janderson Felipe e



Presença

Divulgação



Quando Eu Me Encontrar



Lucas Litrento, que também recebeu o prêmio de Melhor Roteiro. Já o Troféu Vitória de Melhor Filme pelo Júri Popular foi para a produção “Zagêro”, de Victor de Marco e Márcio Picoli, que também ganhou na categoria Melhor Interpretação (para Victor Di Marco). Edileuza Penha de Souza e Santiago Dellape receberam o prêmio de Melhor Direção, por “Vão das Almas”. “Quinze Quase Dezesesseis”, de Thais Fujinaga, recebeu o Troféu Vitória de Melhor Fotografia; “Pássaro Memória”, de Leonardo Martinelli, o prêmio de Melhor Contribuição Artística; e o Prêmio Especial do Júri foi para “Se Eu Tô Aqui é por Mistério”, de Clari Ribeiro. O Júri Técnico da mostra foi composto pelo pesquisador de cinema e audiovisual Gilberto Sobrinho, pelo ator, roteirista e diretor Heraldo de Deus, e pela diretora e roteirista Safira Moreira.

Também foram entregues o Troféu Vitória de Melhor Filme (Júri Popular e Júri Técnico) para os filmes que participaram das se-

guintes mostras: 14ª Mostra Quatro Estações, 13ª Mostra Foco Capixaba, 13ª Mostra Corsária, 11ª Mostra Outros Olhares, 9ª Mostra Cinema e Negritude, 9ª Mostra Mulheres no Cinema, 8ª Mostra Nacional de Videoclipes, 7ª Mostra Nacional de Cinema Ambiental e 6ª Mostra Do Outro Lado. Os curtas-metragens exibidos no 24º Festivalzinho de Cinema de Vitória, que aconteceu de 24 a 28 de junho, concorreram ao Troféu Vitória de Melhor Filme pelo Júri Popular.

Uma novidade desta edição foi o Prêmio da Crítica, que contou com um júri composto por 16 jornalistas e críticos de cinema que participaram da cobertura do 31º Festival de Cinema de Vitória. Eles elegeram o Melhor Filme da 28ª Mostra Competitiva Nacional de Curtas e o Melhor Filme da 14ª Mostra Competitiva Nacional de Longas. O vencedor na categoria de curta-metragem foi “Vollúpya”, de Éri Sarmet e Jocimar Dias Júnior. Já entre os longas, o eleito foi “Quando Eu Me Encontrar”.

Série revê vida de Jô Soares, entre o humor, a intimidade e rixas da Globo com o SBT

O Globoplay disponibilizou em sua grade a série documental “Um Beijo do Gordo”, com quatro episódios que procuram resumir a trajetória e a relevância de Jô Soares e seus 84 anos de vida. E mais: 60 anos de carreira profissional, 28 anos de entrevistas, 14.426 conversas e 1.300 episódios de programas de humor, nos quais interpretou cerca de 300 personagens que ele mesmo criou. E, além da TV, seus filmes, peças de teatro e nove livros.

Esses números, listados logo no início da série numa locução de Fernanda Montenegro, trazem um atestado do alcance de Jô na cultura brasileira. Mas não eram necessários. O intenso sucesso em várias frentes fez dele uma das poucas unanimidades no entretenimento nacional.

No primeiro episódio, uma edição rápida e farta de imagens relembra tantos personagens humorísticos que atinge em cheio a memória afetiva.

Dois anos após sua morte, no próximo dia 5 de agosto, falar de alguém tão querido pode ser trabalhoso, admite o diretor e roteirista da série, Renato Terra. “Talvez ele seja a personalidade mais original da TV brasileira de todos os tempos. Ele conseguiu colocar essa personalidade agradável, expansiva, inteligente e tão culta a serviço de tudo o que ele fez, nos programas de humor e também nos programas de entrevista.”

Convidado no ano passado para entrar no projeto iniciado em 2022 pela diretora artística Antonia Prado, Terra considera o grande desafio da série escolher o que colocar no documentário para dar a cada episódio uma identidade própria.



Para Renato Terra, diretor da série, Jô Soares foi a personalidade mais original da TV brasileira de todos os tempos

Aquele beijo do Gordo

A divisão é rígida. O primeiro fala do humorista de sucesso, da febre do teatro ao vivo “Família Trapo”, na TV Record, aos vários programas globais, como “Faça Humor, Não Faça a Guerra” e “Planeta dos Homens”. O segundo, da mudança para o SBT na busca de ter seu programa de entrevistas, o Jô Soares Onze e Meia, iniciado em 1988.

O terceiro traz o retorno à Globo e a consagração do formato talk show no Programa do Jô, de 2000 a 2016. O quarto quer surpreender com o lado pessoal do artista, apoiado numa longa entrevista de

Flávia Pedras Soares, a Flavinha, casada com ele durante 15 anos.

A saída de Jô para o SBT foi um tanto traumática, com uma reação forte de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, então todo-poderoso da Globo. Responsável pela chegada de Jô, em 1971, ele não abriu espaço para um talk show e queria seu contratado nos programas de humor.

Devido à disputa histórica das duas emissoras por audiência, a pergunta para Terra é óbvia; o SBT cedeu sem problemas o material de 12 anos de Jô Soares Onze e Meia, que é o foco do segundo episódio

de “Um Beijo do Gordo”? “Foi tranquilo. O SBT mandou para a gente a lista de todas as entrevistas e fomos selecionando.”

O diretor conta que foi cedido também material do “Veja o Gordo”, programa de humor produzido nas três primeiras temporadas de Jô na emissora, ao mesmo tempo em que estreava o horário de entrevistas. “Mas, em determinado momento, já no final da produção, o SBT avisou que também está fazendo um documentário sobre o Jô. Eles vão lançar um streaming, o SBT+, onde esse documentário vai entrar. Então não pudemos usar três ou quatro imagens, reservadas para a produção deles.”

Além de muito material de arquivo e depoimentos de amigos e colegas de Jô, “Um Beijo do Gordo” traz dois momentos que Terra destaca com entusiasmo. Um é o longo depoimento de Flavinha no último episódio, que ele defende ser o grande momento da série. E fala também de uma ideia de Antonia Prado, inserida no terceiro episódio.

O cenário do Programa do Jô foi reconstruído e artistas que tive-

ram suas primeiras chances ali foram convidados a visitar o estúdio e contar suas emoções. Entre imagens desses novatos, um extremamente jovem Fabio Porchat, que saiu da plateia para o palco, chamado pelo apresentador.

Terra vê em Jô uma conexão de entretenimento e jornalismo, sobre uma base constante de humor. Quando começou a carreira de entrevistador, no final dos anos 1980, ele fazia um programa de humor, mas se tornou rapidamente uma referência de jornalismo.

“Como o Marcelo Adnet comenta na série, naquela época você não tinha uma segunda tela. Para você ter uma segunda tela tinha que ir ao cinema. Não havia essa explosão de videocasts e podcasts que você tem hoje. O programa nacional de entrevistas era o do Jô, por ali passou o Brasil inteiro.” Não é exagero. A lista de convidados vai de Oscar Niemeyer a Fernando Collor, de Tom Jobim a Pelé.

No domingo, 4 de agosto, o primeiro episódio de “Um Beijo do Gordo” será exibido no GNT, às 22h, com os outros apresentados nas três semanas posteriores.

Paulo-Roberto Andel

Gente do Rio, gente do mundo

Mal a TV ligou, surgiram às imagens do adeus a Rosa Magalhães, figura íntima das casas cariocas e nacionais há décadas, e que se tornou a carnavalesca com mais títulos em nossa festa maior.

Rosa é fruto da imensa árvore deixada por Fernando Pamplona, outro símbolo carnavalesco de glória. E num estalo, ouvindo as notícias, só de figuras do Carnaval a gente se lembra de nomes como Viriato Ferreira e Joãozinho Trinta - não precisa ser carioca para ser, incorporado de vez pela história da cidade.

É o caso do mineiro Telê Santana, que faria aniversário nesta sexta-feira, foi ídolo do Fluzão e foi um dos maiores treinadores da história do futebol brasileiro. No futebol a gente tem um monte deles, que vieram de inúmeros lugares e se consagraram aqui: os pernambucanos Ademir Menezes e Vavá, os paulista Romeu Pelicciari e Roberto Rivellino, o gaúcho Renato Portaluppi, dentre tantos outros.

No entanto, nenhum deles superou Moisés, o mitológico zagueiro dos anos 1970, em símbolo de carioquice: bom humor, irreverência, malandragem e, claro, Carnaval: foi Moisés que criou o famoso Bloco das Piranhas, que desfilava em Madureira, era basicamente composto por jogadores de futebol vestidos de mulher, e que arrastava multidões pelo bairro com cara de samba.

A história do Rio foi contada por muitos cronistas e, dentre eles, craques que também vieram de fora para ornamentar o texto carioca. Imediatamente lembramos do gênio capixaba Rubem Braga, logo

associado a feras como os mineiros Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, o também capixaba Carlinhos Oliveira e o incrível Ivan Lessa, que era inacreditavelmente paulista, mas só de nascença. Mais recentemente, a literatura brasileira tem o nome do imortal Ruy Castro, perfeita tradução do carioca nascido em Minas Gerais - e a ABL também conta com a genialidade de São Gilberto Gil, cidadão baiano do mundo cravejado na praia de Copacabana. Por lá está a maravilhosa Fernanda Montenegro, mas essa é carioca de corpo, alma e certidão.

Quanta gente boa brilha e brilha no Rio? Falemos das letras, das artes em geral e dos esportes, da vida cotidiana. O cinema, o teatro, a música, as artes plásticas.

É o Rio, a mistura de gentes do mundo que chega neste lugar e incorpora seu espírito. São muitos sotaques, temperos e personalidades que se misturam, resultando numa química única.

Mesmo com a cidade tão sofrida e maltratada, ainda existe uma saída que só a arte proporciona. Muitas pessoas trabalharam muito no passado para que tivéssemos esse status. A maioria já não está por aqui fisicamente, mas suas assinaturas são eternas presenças.

Sofremos um golpe duro bem em Copacabana. Morreu Rosa Magalhães. Milton Cunha, um dos maiores símbolos da nossa alegria, acaba de aparecer em lágrimas na TV e não poderia ser de outra forma.

A última sexta-feira de julho não foi quente nem fria, nem nublada ou ensolarada. Isso deve dizer muitas coisas.

Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

Lolita, luz da minha vida, fogo de minha carne.

Meu pecado, minha alma. Lolita: a ponta da língua faz uma viagem pelo céu-da-boca para tocar os dentes. Lo. Lee. Ta.”

O poético início de Lolita, o romance do russo/americano Vladimir Nabokov, que narra a obsessão de um pedófilo por sua enteada de doze anos, ainda gera polêmica, quase 60 anos depois de lançado. Alguns estudiosos dizem que Nabokov estudou diversos casos de rapto de meninas por adultos de meia-idade norte-americanos antes de imaginar o narrador de seu mais famoso livro, Humbert Humbert, um professor universitário apaixonado por garotas de 9 a 14 anos - as ‘ninfetas’, termo criado pelo escritor.

Se Lolita ainda incomoda e escandalizou os leitores em 1958, já houve momentos em que a sociedade via beleza nos relacionamentos abusivos entre adultos e crianças. A paixão tem servido de justificativa para alguns homens desculparem seus relacionamentos abusivos com crianças. Foi assim que Vanessa Springora, aos 13 anos, na década de 1980, entendeu a aproximação do escritor francês Gabriel Matzneff, de 49. Um namoro aceito e até aplaudido pelo meio de intelectuais que a mãe de Vanessa frequentava. Matzneff era aclamado por defender o amor sem fronteiras etárias, descrevendo seus casos amorosos com meninos e meninas em livros, ensaios e textos premiados. Duas décadas mais tarde, quando o crime já estava prescrito, Vanessa lançou “O consentimento” (Verus, R\$ 44,90), as memórias de sua adolescência abalada pela manipulação que sofreu e a dificuldade de ter uma rotina normal de estudos e trabalho depois de abandonada por

CRÍTICA / livros

Com a palavra, as vítimas



Divulgação



Divulgação

Matzneff quando completou 15 anos. O livro levou à execração pública do escritor octogenário, que costumava publicar cartas de suas jovens namoradas em livros autobiográficos, como comprovação da maturidade emocional e sexual das meninas.

Classificado como ‘romance’ na capa, “Melhor não contar” (Todavia, R\$ 62,90), de Tatiana Salem Levy, tem epígrafe de Annie Ernaux, uma das referências atuais da chamada autoficção. Entremeando recordações dolorosas da infância e adolescência com decisões do presente, Tatiana trata de luto, saudade e o assédio sexual que sofreu por parte do padrasto, cujo nome só menciona ao lado de outros cineastas consagrados no Brasil. A mãe, Helena, jornalista bem-sucedida, vinha da geração que enfrentou a ditadura militar e viveu “o desbunde”, incentivando a vivência libertária das filhas. Ainda assim, Tatiana não revela o motivo por sentir-se incomodada ao conviver com o padrasto, que depois da morte da mãe, credita à paixão todas as tentativas de envolvimento sexual com a enteada. Enquanto Vanessa

Springora faz um desabafo quase jornalístico sobre a violência que sofreu - e a conivência dos adultos que poderiam impedir e punir o predador -, Tatiana Salem Levy traz um desnudamento de alma com toques psicanalíticos através da saudade da mãe, da busca por relações maduras e das contradições que uma vítima quase sempre experimenta ao tratar do tema. O artista celebrado que a atacou “por paixão” era o mesmo padrasto afável e gentil de sua infância?

“Melhor não contar” é a expressão que Tatiana ouviu de várias pessoas quando indagava se a mãe deveria saber das investidas de seu padrasto. Boa parte das mulheres ainda se coloca contra os filhos em casos de assédio. Segundo Andrea Skinner, filha da canadense Alice Munro, Nobel de Literatura em 2023, a mãe ficou ao lado do padrasto ao saber que ele assediava a menina. Condenado pelo assédio sexual em 2005, o padrasto cumpriu discretamente uma pena de liberdade condicional, beneficiado pela fama da mulher, acredita Andrea, que se afastou da mãe, falecida em maio deste ano.

Mais que uma peça, um manifesto contra a política de extermínio do estado contra a juventude preta e favelada. Assim pode ser entendido o espetáculo “Das Dores - A Opereta Favelada”, dirigida por Renata Tavares, vencedora do 33º Prêmio Shell de Teatro de Melhor Direção em 2023, e vencedora do prêmio de Melhor Direção pela APTR, no mesmo ano.

Com texto e músicas de Marcos Bassini, a peça foi uma das vencedoras do Núcleo de Dramaturgia Firjan Sesei e agora realiza temporada no Sesc Copacabana, entre os dias 18 de julho e 11 de agosto. “Das Dores - A Opereta Favelada” conta a história de Maria das Dores, uma mulher pobre, preta e favelada, que vê o filho sendo assassinado no meio de uma manifestação. É um drama musical que questiona a atuação da sociedade sobre as questões raciais e as práticas anti-racistas, econômicas principalmente.

A peça tem ritmos brasileiros, encenados e tocados pelas atrizes e os atores. A plateia acompanha um jogo de cena que vai intensificando as relações revelando toda a estrutura social.

O espetáculo foi criado a partir do relato de mães da periferia que perderam seus filhos para a violência do Estado e é encenada por artistas oriundos do grupo de teatro Entre Lugares Maré, com mais de 13 anos de história na favela da Maré, e dirigido pela encenadora Renata Tavares.

“Das Dores é uma missão. Esse texto chegou logo depois da pandemia, pelas mãos do Marcos Bassini que confiou a mim e, consequentemente, à todas as pessoas envolvidas no projeto. Quando nós lemos, ficamos tão impactados com a história que eu disse: Vamos fazer! Não sabia quando, nem como. A gana de querer colocar essa peça no mundo foi abrindo janelas para que pudéssemos avançar”, explica Renata, diretora com mais de 20 anos de carreira.

Ao todo, o espetáculo mobiliza 30 artistas que atuam no território da Maré, retratando a vivência das vidas faveladas, explicitando a



O elenco de ‘Das Dores - Uma opereta Favelada’ é todo composto por artistas de um grupo teatral da Maré

Uma opereta periférica

Musical ‘Das Dores’ o sofrimento das mãos que perdem seus filhos em função da truculência do Estado

violência policial e confrontando a política genocida do Estado, chamando a atenção do público e dos formadores de opinião para que esta guerra finalmente chegue ao fim. Renata Tavares reforça que o tema do espetáculo escancara o que há de mais violento contra as populações periféricas.

“Eu já sabia que o tema era (é) tenebroso, doído, sem compreen-

são do que se espera da vida. Entretanto, poder ser mais uma voz na luta dessas mães mulheres que tiveram seus filhos assassinados pelo Estado é o que nos move, é o que me dá coragem. Eu olho para essas mulheres e me encorajo mesmo com medo do meu coração doer”, lamenta.

O Atlas da Violência, um levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), mostra que 76,5% dos assassinatos no Brasil, no ano de 2023, tiveram pessoas negras como vítimas. A diretora lembra ainda que as vítimas possuem familiares e o espetáculo revela o tamanho da crueldade do Estado contra essas pessoas.

“A gente, essas mães mulheres que somos da periferia, sabemos que as vítimas têm CPF e cor. E mesmo com todas as discussões sobre o racismo, todos os nossos avanços, não foram suficientes para repensarem o sistema, a estrutura

e a instituição Estado que insistem em culpabilizar pessoas pretas, faveladas e periféricas. Das Dores é uma peça política, é dessa forma que penso ela”, comenta.

O objetivo do espetáculo, frisa a diretora, é contar essas histórias através da arte desenvolvendo o teatro político com um tom mais provocador, um caminho para encontrar outras possibilidades, teorias e colocá-las em práticas, criar reflexões, pensar na construção/evolução da sociedade brasileira com mais equidade.

“Pra mim, enquanto artista, cidadã brasileira, preta, mulher, moradora de Bangu, trabalhando no território da Maré há 13 anos, ainda não consigo exaltar somente as belezas das periferias e das favelas. E tem sim! São lindas, são incríveis, únicas, plurais, diversas, felizes! Porém continuam nos matando, nós matam em vida. É necessário que falemos sobre isso. Falemos ainda,

ainda, ainda, porque não acabou, não são casos isolados, aconteceu ontem, hoje e infelizmente amanhã”, comenta Renata.

Ela lembra ainda as fraudes que o Estado cria em cenas de crimes, tentando terceirizar a culpa e colocar as vítimas como algozes, mas, nos dias atuais, é impossível passar despercebido com tantas tecnologias disponíveis para coibir os crimes dos agentes de segurança pública.

“A cada evento que o Estado nega o direito delas, alterando o local do extermínio, mentindo, oferecendo um abraço inimigo conspirador ou num julgamento de 10 anos sem criminalizar os assassinos porque eles fazem parte do sistema. Para essas mães mulheres há uma dualidade de sentimentos que são: de impotência, de interrupção e a resiliência, a força para lutar! Então, sigamos com elas na luta! Axé”, convoca.

SERVIÇO

DAS DORES - A OPERETA FAVELADA

Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 11/8, de quinta a domingo (20h30)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)

CRÍTICA / RESTAURANTE / PÁREO

Triplamente coroadado

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Atríplice coroa nos esportes é um título não oficial dado a uma equipe ou esportista que conquista três importantes títulos na mesma temporada ou em certa sequência. No meio do marasmo invernal temos as sequências previsíveis de fondue... Até que se chega no Páreo. Noite linda, lua cheia, a vista para o Cristo e para as pistas do Jockey.

Para começar, antes de se pedir qualquer, chega o chef Marcones Deus. Baiano, porreta, arretrato e sofisticado. Marcones é de

Senhor de Bonfim, no sertão do São Francisco, com sobrenome Deus, o que só pode resultar na alta qualidade da cozinha que faz. Essa gastronomia diferente, de sabores equilibrados, com a presença brasileira, fazem da experiência dos fondues algo superior.

Começamos pelo de queijo, Emmental francês e Gouda holandês, os melhores, com acompanhamentos inovadores, daqueles que se diz “como não pensei nisso?” O aipim vem em cubos perfeitos, levemente frito para a casca ficar crocante, aipo, cenoura e brócolis crus. E nem olhamos para o pão, que estava também no ponto.

O file mignon perfeito, os mo-



Fábio Rossi/Divulgação

Foundues prontas para a Tríplíce Coroa

lhos dos melhores e a batata rostie super generosa, com os pedaços igualmente ralados, o bacon e a

cebola com a necessária discreta presença. Agora, o salmão é absoluto, se mergulha no óleo quente

- aliás o réchaud é um bujãozinho de gás que mantém o óleo quente e não oferece qualquer perigo. A imersão é rápida, o suficiente para o panko chegar ao ponto. Há que se voltar e repetir.

O chocolate veio com framboesas frescas, morango, melão e como a música tudo se mistura com banana. Depois de saborear tudo, trocamos receitas e muita conversa com Marcones, eu e Ivan, aquele que me acompanha por Europa, França e Bahia, e concluímos que a brincadeira é verdadeira. Baiano não nasce, estreia. E o chef Marcones inaugura um novo tempo para os fondues. Melhores.

SERVIÇO

PÁREO

Rua Mario Ribeiro, 410

- Gávea - Jockey Clube Brasileiro

De terça a domingo a partir das 18h

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Boa de bola

Quem está triste com a ausência do futebol masculino nas Olimpíadas, já pode se regalar com a Torta & Cia, que volta a oferecer sua deliciosa Torta Bola – camadas de brownie intercaladas com creme maravilha de chocolate, coberta com calda de chocolate. Para o Dia dos Pais trouxe algumas novidades, produzidas especialmente para a data: Torta de café crème e Torta trufa de chocolate. E para quem não abre mão das salgadas, a pedida é Quiche de queijo de cabra com cebolas caramelizadas. Entregas nas lojas ou www.tortaeacia.com.br

Tomás Rangel/Divulgação



Agenaro Braga/Divulgação



Mazé tá na área

O Mazé é o mais novo point da Rua Ronald de Carvalho, conhecida pela boa gastronomia. Com estilo industrial, somado a ilustrações com ares de pop art e muito LED, a casa inova também na gastronomia saborosa, generosa e visualmente atrativa, assinada pela chef Vivi Cabral, que já fez parte da equipe dos melhores restaurantes, com petiscos quentes, petiscos geladinhos, principais, sandubias e sobremesas. A carta de drinks é assinada pelo português Rafael de Matos, com clássicos em versão única, como os famosos Moscow Mule e Dry Martini, além dos autorais.

Fabio Wright/Divulgação



Samba no Chanchada

Inaugurado no início de 2022 em Botafogo, o Chanchada Bar, do trio Eduardo Araújo, Bruno Katz e Jonas Aisengart, lança no próximo sábado (3), o Samba do Chanchada, com churrasco no espeto, cerveja gelada e drinks. A curadoria musical é do cantor e compositor Gabriel da Muda, a primeira edição do será realizada no Clube Santa Luzia, das 16h à 1h. É muita ansiedade pra esse samba acontecer. Vai ser nele que vamos colocar em prática tudo que a gente queria fazer em nosso bar, como o Gabriel cantando naquele tom, churrasco e cerveja rolando”, fala Eduardo.